



Alguém que amou como Jesus

“Pois eu até desejaria ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor de meus irmãos, os de minha raça” Romanos 9.3

A bela carta aos Romanos

A carta de Paulo aos Romanos é considerada primeira teologia sistemática da história da igreja. Ao escrever essa epístola, o desejo do apóstolo parecia ser o de pedir ajuda aos cristãos de Roma para evangelizar as regiões vizinhas (1.11,13 e 15). Aprendemos com essa carta a essência do cristianismo: a justificação pela fé somente através da substituição de Jesus na cruz (5.1-11), tendo em vista que o ser humano não poderia compensar por si mesmo os erros que cometeu, necessitando de um redentor inocente. Esse ensino revolucionou toda a história cristã, principalmente por sua redescoberta no período da Reforma Protestante. O que podemos aprender com essa porção tão valiosa das Escrituras?

O Espírito Santo é testemunha da consciência de Paulo (Romanos 9.1)

Paulo tinha um grande amor pelos judeus, pois eram o seu próprio povo, no entanto, esse amor provocava nele uma forte angústia. E suas palavras poderiam ser confirmadas pelo Espírito Santo, como ele mesmo explica. Isso nos ajuda a refletir sobre a importância de nossa consciência ser cativa a Deus a tal ponto que podemos invocar o testemunho daquele que sonda nossas profundezas (Salmo 139). A figura da testemunha é a mesma de alguém no tribunal defendendo a sua reputação e nesse caso, o que é colocado à prova é o pensamento de Paulo, aquela parte do nosso ser que não pode ser vista e nem tocada por ninguém. É ali que se manifestam nossos pecados mais íntimos e secretos. Mesmo assim, Paulo, compreende que o Espírito validaria a sua consciência naquilo que ele estava dizendo. Quantos de nós podemos dizer isso?

A dor de Paulo pela situação dos judeus (Romanos 9.2)

Nesse texto o apóstolo afirma que tinha grande tristeza e constante angústia no coração. Essa descrição nos ajuda a quebrar um pouco a ideia de um Paulo frio e distante das pessoas. Repare que não se tratava de qualquer sentimento, era uma tristeza grande. Uma constante angústia, ou seja, “interminável”, “sem parar”, pela situação do seu povo. Nascido judeu, sendo mentoreado por um rabino famoso, cidadão romano, rígido e exigente quanto à lei, ele compreendia o que se passava na mentalidade do seu povo (Gálatas 1.13-17). Conhecia sua história e suas alianças, assim como a intervenção e o cuidado de Deus. Mais ainda, compreendia que Jesus era a verdadeira esperança messiânica. Por tudo isso, seu coração era angustiado pela incredulidade deles. Qual nosso sentimento diante daqueles que estão distantes de Deus?

O amor substituto de Paulo (Romanos 9.3)

A angústia e a tristeza de Paulo não paravam em um mero sentimento, tendo em vista que se colocaria como anátema, ou mesmo maldito, se fosse possível, para que seu povo cresse em Jesus. Ele utiliza o termo “separado de Cristo”. O que podemos perceber então é um amor sacrificial e substitutivo de Paulo, o mesmo sentimento que levou Jesus a uma cruz (Hebreus 12.2; Filipenses 2.1-5). No entanto, diferente de Cristo, que poderia se entregar para salvar o seu povo, Paulo, se limitaria somente a ficar no desejo. Foi esse amor que o levou a expandir o evangelho e se tornar o maior evangelista de todos os tempos. Até que ponto amamos aqueles que não conhecem a Cristo?

Pare, pense e ame

1. Assim como o apóstolo Paulo, nosso desafio é experimentar um amor por aqueles que estão longe do Senhor. 2. Dessa forma, imitamos Cristo, que, na cruz, se tornou maldito em nosso lugar. 3. Que possamos refletir sobre esse momento crucial da humanidade e que o amor de Jesus nos liberte do ódio prático (não evangelização e indiferença) pelas pessoas e que possamos propagar os mistérios de Deus e a salvação ao mundo que sofre.